

LÍNGUA PORTUGUESA

CONHECIMENTO PRÁTICO



**A EVOLUÇÃO
DINÂMICA DAS
LÍNGUAS**
POR QUE ELAS MUDAM?

Edição 60 - PREÇO R\$ 5,90



OPÇÕES ESTILÍSTICAS

Armadilhas das regras
dúbias de nossa
Gramática

PRÁTICAS DOCENTES

Como enfrentar as
transformações sociais
no ambiente escolar

PARALIMPÍADA?

Exemplos de palavras
fora do padrão e a ação
do “estrangeirismo”

ABAIXO A CULTURA DO CASTIGO!

**EDUCAR
SEM AGREDIR**

Seções
fixas05
RETRATOS64
ESTANTE66
QUER TER
SEUS TEXTOS
PUBLICADOS?Capa
12**COMO E POR QUE AS LÍNGUAS MUDAM?**

Nosso modo de pensar e de agir depende de nossa cultura. E nossa cultura depende de nossa língua. Assim como a cultura e a sociedade são dinâmicas, assim também é nossa língua, por mais que ela possua regras. Como essa dinâmica ocorre é tema deste artigo de Aldo Bizzocchi.



05

EDUCAR SEM BATER

Quer seja a "palmadinha educativa" ou meios mais agressivos, o castigo físico e psicológico deve ser combatido. Essa "cultura", introduzida no século XVI, pode alcançar contornos que vão além da intenção de educar. Bianca Acampora dá um panorama dessa realidade.



08

O MITO DE DRAMAS E CONQUISTAS DA ADOLESCÊNCIA

A passagem da infância para adolescência perdeu seus rituais. Numa sociedade tão pluralizada, essas transformações são cada vez mais difusas, mas não menos desprovidas de conflitos. Luiza Elena Leite Ribeiro do Valle escreve sobre essas transformações.



16

O OLHAR INCLUSIVO

Na seção "Sala dos Professores", Júlio Furtado conta sobre a experiência do olhar na interpretação do real, e a importância que essa habilidade tem na educação.



20

OPÇÕES ESTILÍSTICAS?

Roberto Sarmiento Lima se envereda pelos labirintos da gramática para nos mostrar os diferentes caminhos que podemos trilhar ao utilizarmos a língua para expressar ideias.



26

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES

A escola não é um organismo impenetrável. Ela é constantemente bombardeada pelas tantas mudanças na sociedade, em todos os seus aspectos, o que exige um esforço contínuo para educar crianças e jovens em seu desenvolvimento. Por Aline Fernanda Câmargo Sampaio.



32

FORMAÇÃO DOCENTE: TEMPO E ESPAÇO PARA DISCUTIR/ RESSIGNIFICAR SABERES E PRÁTICAS

Conhecer a realidade da "Instituição Escola" é condição essencial diante das dificuldades e desafios do professor. Anderson Alves Costa relata sobre o atual cenário de mudanças do ensino médio gaúcho.



36

INTELIGÊNCIA E APRENDIZAGEM EMOCIONAL: O PAPEL DE PAIS E EDUCADORES

Beatriz Acampora se aprofunda neste tema que nunca é demais ser debatido. E ela percebe que a inteligência emocional da família também é muito importante para que os filhos — ou seja, os alunos — aprendam em um ambiente saudável.



42

PARALIMPIADA X PLANOLITO

Será que ao usarmos a palavra "Paralimpíada" estamos demonstrando subserviência da cultura brasileira à influência de uma cultura externa? Leo Ricino atleticamente analisa esta questão. E faz uma reflexão bastante pertinente.



48

PRONOMES PESSOAIS GENERALIZADOS

Já falamos aqui sobre os labirintos da Língua Portuguesa? Mas não são labirintos para nos perdermos, e sim para nos encontrarmos. José Augusto Carvalho desvenda o labirinto do uso dos pronomes pessoais.



50

GIRIA ALIMENTAR

José Augusto Carvalho, ele novamente, traz diversos exemplos de como a nossa cultura alimentar influencia na formação de tantas gírias brasileiras.



52

A GRADAÇÃO COMO ESTILO LITERÁRIO

As figuras de linguagem, mais especificamente as figuras de pensamento, são assunto de Luiz Roberto Wagner e Djaneane Sichiéri Wagner Cunha.



56

A DESORGANIZAÇÃO DA REORGANIZAÇÃO: CICLOS, DEMOCRACIA E O EXERCÍCIO DO PODER EM SÃO PAULO

Durou apenas alguns dias o decreto do governador Geraldo Aickmin com a intenção de isolar os ciclos de estudo por faixa etária em diferentes prédios. Andréa Rosana Feltzner conta detalhes desta tentativa.



62

AVALIÇÃO DO DESEMPENHO DOS PROFESSORES: COMO REALIZA-LA DE MANEIRA EFETIVA?

A jornalista Ana Lúcia Bomfim entrevistou o doutor em Ciências da Educação Júlio Furtado sobre a relação entre o desempenho dos educadores e a eficiência da aprendizagem por parte dos alunos.

Um pensamento:

"A base de todo Estado é a educação da sua juventude."

DIÓGENES

DESCOBERTAS

Ao educar, precisamos olhar com os olhos das crianças para se encantar e descobrir um novo mundo na educação.

» por Ericka Grecco*



Há poucos dias, pedi que cada criança criasse e desenhasse um extraterrestre, o mais lindo e estranho que conseguisse. Um erro comum é não entender que o desenho faz parte do processo de alfabetização, pois nele constam diferentes informações para o leitor, que ao observar a imagem capta mensagens que não estão explícitas. O tempo de aula foi gasto com prazer e muitas conversas para socializar o que os alunos estavam pensando e assim contribuir com o colega e trazer para suas produções algo que acharam interessante do trabalho do outro.

Desenho pronto, iniciou-se o trabalho com a língua oral. Cada criança falou sobre seu extraterrestre e destacou suas características. Muitos questionamentos foram feitos sobre os seres inventados e o cérebro não parava de trabalhar para achar respostas. A criança que se expressa bem oralmente terá em suas redações criatividade, fluência e ritmo no texto, coerência e temporalidade em suas histórias, e produzirá uma redação rica e cheia de detalhes quando estiver pronta para isso.

Mas no mundo letrado não poderíamos deixar de trabalhar com o eixo da língua escrita, por isso mediei mais uma tarefa para a sala, usando o recurso das listas, muito empregado em salas de primeiro ano, por usarem palavras soltas que recorrem a um mesmo campo semântico. Cada um deveria inventar o nome do seu alienígena e, a partir da letra inicial, criar uma lista de adjetivos que o caracterizassem.

Cada criança usou de um recurso para concluir a tarefa: letras móveis, dicionário, colegas, professora. E cada um no seu tempo e dentro da sua hipótese de escrita terminou a lista. Poderia ter parado a atividade na entrega, mas perderia a riqueza de ouvir a hipótese das crianças. Então, um a um, chamei à minha mesa e pedi que lessem.

Uma menina trouxe seus adjetivos e me deparei com a palavra GEMÃ. Questionei a criança o que estava escrito, e ela rapidamente me explicou: "Está escrito gen (GEM) til (Ã). Essa minhoquinha é o til."

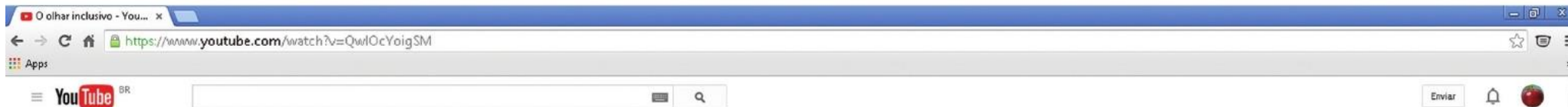
Lógica incontestável. Muitos devem pensar na loucura de se aceitar a escrita da palavra desse modo. Eu vi uma criança adquirindo o conhecimento do código escrito, percebendo as regularidades da língua. Encantei-me, escrevi a palavra em um pedaço de papel e precisei mostrar a todas as professoras a genialidade daquela criança, sua inteligência para construir uma rede de hipóteses que a fez escrever tão brilhantemente.

Que as descobertas dos pequenos brilhem dentro de cada educador, que tem a possibilidade de tornar suas aulas encantadoras para todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem. ■



Professora, se você tem alguma experiência que queira compartilhar com outros docentes, envie-nos os detalhes no e-mail: l.grecco@criativo.art.br

*Ericka Grecco é professora e psicopedagoga especializada em educação inclusiva.



Sala dos Professores

Início Vídeos Playlists Canais Discussão Sobre

O OLHAR INCLUSIVO

» por Júlio Furtado*

Em um mundo de tantas imagens e ícones, a velocidade da “leitura” tomou o lugar do olhar reflexivo, o único que realmente vê. A praticidade do mundo vulgarizou o olhar superficial.

Éa partir do olhar que nos posicionamos no mundo. Em um primeiro momento, não escolhemos olhar. Simplesmente olhamos e captamos ou não determinados aspectos da realidade, e essa é a diferença entre olhar e ver. Olhar é eventual, mas ver é sempre envolto por certa intencionalidade. Escolhemos o que vamos ver em tudo que olhamos. Tudo está para ser olhado, mas nem tudo está em condições de ser realmente visto.

O mundo pós-moderno é constituído, sobretudo, de imagens que comunicam muito mais rapidamente do que palavras, além de facilitar a universalidade da comunicação (no mundo todo, o bonequinho masculino e a bonequinha feminina são compreendidos como identificação e diferenciação dos gêneros dos banheiros). Em um mundo de tantas imagens e ícones, a velocidade da “leitura” tomou o lugar do olhar reflexivo, o único que realmente vê. A praticidade do mundo vulgarizou o olhar superficial.

CONCEITO

MUNDO PÓS-MODERNO

A ideia de “pós-modernismo” surgiu pela primeira vez no mundo hispânico, na década de 1930, numa geração anterior ao seu aparecimento na Inglaterra ou nos EUA. Perry Anderson, conhecido pelos seus estudos dos fenômenos culturais e políticos contemporâneos, em “As Origens da Pós-Modernidade” (1999), conta que foi um amigo de Unamuno e Ortega, Frederico de Onís, que imprimiu o termo pela primeira vez, embora descrevendo um refluxo conservador dentro do próprio modernismo. Mas coube ao filósofo francês Jean-François Lyotard, com a publicação “A Condição Pós-Moderna” (1979), a expansão do uso do conceito.

Em sua origem, pós-modernismo significava a perda da historicidade e o fim da “grande narrativa” - o que no campo estético significou o fim de uma tradição de mudança e ruptura, o apagamento da fronteira entre alta cultura e da cultura de massa e a prática da apropriação e da citação de obras do passado.



SAIBA +



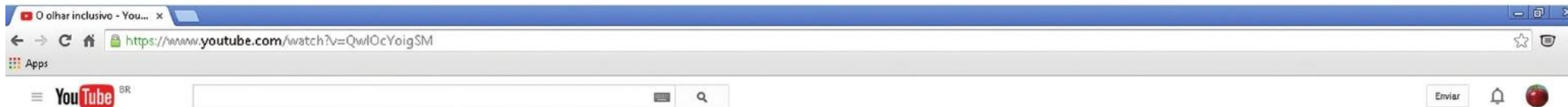
SOBRE ESSE TEMA, ASSISTA AO VÍDEO **O PAPEL DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS** NO CANAL SALA DOS PROFESSORES: <https://www.youtube.com/watch?v=Qw10cYoigSM>

PERFIL

MAURICE MERLEAU-PONTY

Foi um filósofo fenomenólogo francês. Em 1952 ganhou a cadeira de filosofia no Collège de France. De 1945 a 1952 foi coeditor (com Jean-Paul Sartre) da revista *Les Temps Modernes*.

Defendia que, quando o ser humano se depara com algo que se apresenta diante de sua consciência, primeiro nota e percebe esse objeto em total harmonia com a sua forma, a partir de sua consciência perceptiva. Após perceber o objeto, este entra em sua consciência e passa a ser um fenômeno. Com a intenção de percebê-lo, o ser humano intui algo sobre ele, imagina-o em toda sua plenitude, e será capaz de descrever o que ele realmente é. Dessa forma, o conhecimento do fenômeno é gerado em torno do próprio fenômeno.



POR DENTRO

OLHAR

FENOMENOLÓGICO

Fenomenologia é o estudo de um conjunto de fenômenos e como se manifestam, seja através do tempo ou do espaço. É uma matéria que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo. A palavra fenomenologia surgiu a partir do grego *phainesthai*, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e *logos* é um sufixo que quer dizer "explicação" ou "estudo". Na psicologia, a fenomenologia baseia-se em um método que busca entender a vivência dos pacientes no mundo em que vivem, além de compreender como esses pacientes percebem o mundo a sua volta. O conceito da fenomenologia foi criado pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938), que também trabalhava como matemático, cientista, pesquisador e professor das faculdades de Göttingen e Freiburg im Breisgau, na Alemanha.

NÃO PODEMOS PENSAR A PERCEÇÃO ELEMENTAR COMO RESULTANTE DIRETA DE UM ESTÍMULO EXTERIOR, MAS COMO UM PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO QUAL O MUNDO EXTERIOR É MUITO MAIS FRUTO DA CONSTITUIÇÃO INTERNA DO QUE DA REPRODUÇÃO LITERAL.



Ocorre que, para criarmos vínculos afetivos, precisamos do olhar sensível e reflexivo. Aquele olhar "ao contrário", que se deixa captar pelas paisagens, pelas pessoas e pelos objetos. Equivale a deixar nosso olhar ser escolhido pelo outro da forma mais despida de julgamento e de pressuposições possível. É a partir desse olhar perceptivo que desenvolvemos nossas capacidades humanas, e é por meio delas que nos inserimos no mundo, refletindo e sentindo quem somos, o mundo a nossa volta e as relações que travamos.

Perceber é "compreender; entender; adquirir conhecimento de, pelos sentidos; ver ao longe" (Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa, p. 577, 2010). Na ciência clássica, essa definição se encaixa perfeitamente, pois pressupõe uma relação linear de ação e reação. O que há para ser visto está "lá" no mundo. Só nos resta "olhar cientificamente" para que decifremos o mundo e possamos descrevê-lo como ele realmente é. Segundo o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, esse conceito de percepção é apenas teórico, pois

entra em conflito com os dados da consciência. Nem sempre aquilo que vemos ou ouvimos reproduz em nosso sistema as características originais. Olhando uma superfície pintada de amarelo e azul, essas cores podem se misturar em nossa retina, fazendo-nos percebê-la como esverdeada. Uma pessoa que nos remeta a alguém indesejável é percebida de certa forma "contaminada" por essa sensação. Não podemos pensar a percepção elementar como resultante direta de um estímulo exterior, mas como um processo de integração no qual o mundo exterior é muito mais fruto da constituição interna do que da reprodução literal.

O olhar fenomenológico é o olhar não reducionista, que não faz recortes sobre o que vê, mas tenta apreender o sentido que emerge a partir do que ali está. É um olhar bem próximo do olhar infantil, que admira e explora desprendido de preconceitos. A prática do olhar fenomenológico requer paciência para contemplar, o que é bastante difícil em um mundo que vive sob a tirania da velocidade e da pressa.

Precisamos, como educadores, nos esforçar para desenvolver tal habilidade, pois os vínculos afetivos dependem em muito de nossa habilidade de olhar e ver o outro do modo mais despido possível de pressuposições. Não é raro professores terem em suas histórias casos de alunos que, em um primeiro momento, receberam um olhar rotulador e, com o tempo, puderam ser vistos sem rótulos. Menos raro ainda é esse fato ter mudado a natureza e a qualidade do vínculo afetivo construído entre eles. Por isso, é sempre mais saudável olharmos para uma nova turma, despidos de qualquer olhar a priori. Assim, conseguiremos exercitar melhor nosso olhar fenomenológico.

A palavra *aceitar* vem do latim *acceptare* e significa receber o que lhe é dado, conformar-se com, receber com agrado, admitir, aprovar. Ao afirmar que aceitamos alguém ou alguma situação, precisamos ter superado as barreiras que possivelmente nos impediam de aprová-la ou de recebê-la com agrado. No ato da aceitação, não cabe o contragosto (a isso denominamos suportar, tolerar). O modo de olhar o outro faz diferença no sentido de a aceitação ser plena ou condicional. Denominamos aceitação plena aquela que não impõe restrições ao outro, não no sentido de aprovação, mas no sentido de acolhê-lo com tudo que ele traz. Para aceitar plenamente o outro, não precisamos aprovar tudo que ele é ou faz, mas percebê-lo como alguém possível, apesar do que ele é ou faz. A aceitação condicional impõe critérios para que o outro seja, de fato, acolhido. Nesse contexto, cabe ressaltar que é possi-

vel "entender, mas não aturar" os aspectos difíceis que o outro traz consigo. Podemos aceitar plenamente alguém que usa drogas ilícitas, entendendo a situação, mas não aturar que ele o faça quando estiver perto de nós, por exemplo.

É importante refletir sobre o sentido de aceitar plenamente o aluno, que não significa aprovar todas as suas atitudes ou características, mas estabelecer limites relacionais que deixem claro o que aturamos ou não. A dificuldade está em estabelecer essas fronteiras e, ao mesmo tempo, cuidar do vínculo afetivo que precisa ser mantido. Resgata-se aqui a necessidade do olhar reflexivo que observa e permite que surjam sentimentos, ideias e encaminhamentos. O olhar empático, que "vê com os olhos do outro" também é uma importante ferramenta na complexa tarefa de construção da aceitação plena que precisamos ter com o aluno (criança, adolescente, jovem ou adulto) que está na sala de aula.

A junção do olhar fenomenológico e reflexivo com a real aceitação do outro produz o que chamamos olhar inclusivo, que é aquele que não impõe condições para que o outro seja ele mesmo, mas busca explorar e aprender com esse outro. Somente através de um olhar inclusivo, o professor pode estabelecer uma relação de verdadeira inclusão e o exercício desse olhar depende de uma decisão pessoal de persistir num exercício diário de aceitação do outro.

Para aprofundamento no tema, sugerimos o vídeo "O Olhar inclusivo" no Canal Sala dos Professores (<https://www.youtube.com/watch?v=QwIOcYoigSM>). ■

CONCEITO

EMPATIA

A empatia é, segundo Hoffman (1981), a resposta afetiva vicária a outras pessoas, ou seja, uma resposta afetiva apropriada à situação de outra pessoa, e não à própria situação. O termo foi usado pela primeira vez no início do século XX, pelo filósofo alemão Theodor Lipps (1851-1914), "para indicar a relação entre o artista e o espectador que projeta a si mesmo na obra de arte". Na psicologia e nas neurociências contemporâneas a empatia é uma "espécie de inteligência emocional" e pode ser dividida em dois tipos: a cognitiva - relacionada com a capacidade de compreender a perspectiva psicológica das outras pessoas; e a afetiva - relacionada com a habilidade de experimentar reações emocionais por meio da observação da experiência alheia. - definição de Salvatore M. Aglioti, psicólogo, é professor da Universidade La Sapienza em Roma.

PARA ACEITAR PLENAMENTE O OUTRO, NÃO PRECISAMOS APROVAR TUDO QUE ELE É OU FAZ, MAS PERCEBÊ-LO COMO ALGUÉM POSSÍVEL, APESAR DO QUE ELE É OU FAZ.

*Júlio Furtado, Mestre em Educação pela UFRRJ. Pós-graduado em Orientação Educacional. Doutor em Ciências da Educação e Diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana, Cuba. Graduado em Pedagogia. Escritor. Escritor.